

# EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE: O HUMANO COMO AGENTE TRANSFORMADOR

## EDUCATION IN THE PERSPECTIVE OF PAULO FREIRE: THE HUMAN AS A TRANSFORMING AGENT

Diovane Avelino de Sousa Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O escopo deste artigo é apresentar de forma concisa a localização do homem nos principais aspectos da teoria educacional de Paulo Freire. Com o foco educando enquanto ser capaz de se tornar um agente conhecedor e transformador de sua realidade, o texto aborda a questão do inacabamento do homem como principal característica que justifica a constância da educação e o caráter articulador entre o processo de conscientização e a prática de liberdade.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Educação. Pedagogia. Inacabamento do ser. Liberdade.

### Abstract

*The present article aims at providing a brief overview of man and his place in the main aspects of Paulo Freire's educational theory. With the focus on educating while being able to become a knower, transformative agent of his reality, this text deals with the issue of the man as an unfinished being. According to our view, this is the main evidence capable of justifying the constancy of education and the articulator character between awareness process and freedom practice.*

**Keywords:** Paulo Freire. Education. Pedagogy. Unfinished being.

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da sociedade é possível observar aspectos fundamentais de organização e de aprimoramento por parte dos grupos sociais que se relacionam e trocam experiências, atestando-se assim a dinâmica do convívio. Por conseguinte, a reivindicação de arquivamento, exploração, estruturação e transferência de conhecimentos de uma geração a outra torna-se eminente e catalisadora do cotidiano social. Nesse viés, a educação

---

1 ABRAFP/CCAA - Pós-graduado em Gestão de Conflitos, Marketing e Administração – MBA - E-mail: diovaneavsouza@gmail.com.

assume singular papel e adquire abrangência antropológica, social e contextual em que o humano se torna em essência um ser de relações. A educação assume, então, em rigor um caráter processual cuja finalidade é vincular o humano ao mundo em que está inserido e às práticas sociais preestabelecidas ou arranjadas conforme os ditames e valores sociais vigentes. Corroborando tal afirmativa, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – promulgada em 1996, define a educação em seu Artigo 1º como sendo abrangente aos “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Em outras palavras, o humano é um ser de sincronia e agente de transformação. O fato de ele estar no mundo e interagir com o mundo faz com que ele transcenda sua existência através do relacionar-se consigo e com o outro desenvolvendo a consciência reflexiva, isto é, a capacidade de refletir sobre sua própria realidade e suas possíveis interferências.

De Pombal ao século XXI, a educação tem evidenciado preocupações referentes ao ensinar o homem a se comportar em sociedade, bem como estabelecer deliberadamente estratificações sociais. A despeito de suas intenções relacionadas de forma direta à economia e à política, Marques de Pombal alicerçou no Brasil a laicização do ensino e a tentativa de unificar o currículo transferindo ao Estado total controle sobre os processos e métodos de ensino. É evidente na história da educação brasileira que a satisfação das necessidades da oligarquia, da elite e da burguesia em interferir diretamente no *status quo* fez do processo educacional instrumento ativo para os discursos e as relações de poder legitimados. Não se apercebe até então a figura do aluno como elemento relevante e dotado de subjetividade.

Contrário à ideia de ensino objetivo e padronizante, cuja aprendizagem é da ordem do passivo, Paulo Freire aponta com uma metodologia ancorada no desenvolvimento da consciência de liberdade e estímulo ao ato reflexivo, por parte do aluno, de sua própria realidade. A pedagogia crítica, conforme fundamenta o estudioso e crítico cultural estadunidense, Henry Giroux, objetiva conectar conhecimento à tomada de atitudes construtivas. O aluno reaparece como um sujeito com histórias e capacidades potenciais para compreender sua realidade e, a partir do ato reflexivo, interferir sobre ela de forma consciente a garantir mudanças sociais e políticas.

Baseado no exposto acima, esse artigo propõe um levantamento sucinto, nem por isso menos cauteloso, da teoria de Paulo Freire. A educação como elemento de mudança, aluno enquanto sujeito potencialmente transformador e o caráter da descoberta consciente de que o humano pode participar e interferir no seu mundo são os alicerces dessa discussão. À medida que há o esclarecimento da condição do humano no mundo, este inicia seu trabalho articulador entre o processo de conscientização e a prática de liberdade. É, em suma, observável em Paulo Freire a humanização da pedagogia.

## O SER INCONCLUSO

Está implícito em qualquer tentativa de definir e/ou conceituar o termo educação o refletir sobre o próprio homem. Constituído por diversas questões existenciais sobre si, o homem pondera sobre sua origem, sua funcionalidade e seu posicionamento em um dado período, em uma dada circunstância, em um dado contexto e em uma dada realidade. Tais indagações ressaltam o saber do homem quanto a sua condição de ser em ininterrupta construção. O ser, que é inacabado e que se reconhece como tal, demanda um relacionamento com a realidade enquanto sujeito passível de atitudes transformadoras. A dicotomia saber-ignorar se manifesta de forma relativa, pois cada homem sabe algo que aprendeu de seu antepassado e que ensinará ao seu descendente. Portanto, a educação apresenta-se como uma busca persistente do homem por si mesmo. Corroborando tal assertiva, Paulo Freire nos diz:

A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos. Se num grupo de camponeses conversamos sobre colheitas, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais do que nós. [...]

Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo (FREIRE, 1979, p. 28-29).

Descortinar as possibilidades do homem enquanto um ser de relações nos evidencia o aspecto fundamental da existência da reflexão acerca da realidade. Por meio desse processo se é capaz de construir hipóteses, testá-las, bem como elaborar soluções a partir da problematização de eventos, fatos e circunstâncias. Assim o homem delinea sua história em alicerces culturais e registra no tempo e no espaço sua visão de mundo. É com base nesse ser e na dinamicidade relacional que o acompanha que Paulo Freire modela e percebe educação. Nesse viés, a escola e o papel do professor tomam proporções diferenciadas. Se o homem é um ser inacabado e se afirma e reafirma a partir das relações, logo, cabe questionar como se definem o papel do professor e a função da escola?

A escola é um espaço institucionalmente legitimado e destinado à transferência de conhecimento. Assim sendo, é preciso organizar conceitos, eleger conteúdos e estabelecer métodos. Em Paulo Freire, o diálogo é ferramenta indispensável que incorpora e mescla conhecimentos empíricos entre os alunos e professores em um ambiente propício ao estímulo do ato reflexivo. O aluno é percebido como um ser em constante aquisição da educação, por isso, educando, e o professor, motivador desse processo, por isso, educador. A relação é, portanto, horizontalizada em que a interação acontece em diversos níveis e concomitantemente. Educando e educador são personagens de interações diversas com o escopo sincero de compreender e interferir na realidade. Tal perspectiva encerra a ideia de que o aluno, mesmo ainda não alfabetizado, é sujeito dotado de cultura e ânsia para efetivar relações. A fim de proporcionar o crescimento cultural em termos de capacidade analítica do

educando, é mister que as relações no processo educacional sejam afetivas e democráticas assegurando as diversas oportunidades e possibilidades de expressão. Freire então comenta:

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma fase de saudação. A cultura consiste em recriar e não repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo. Isto nos leva a uma segunda característica da relação: a consequência, resultante da criação e recriação que assemelha o homem a Deus. O homem não é, pois, um homem para adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (propaganda política ou comercial fazem do homem um objeto.) (FREIRE, 1979, p. 30-31).

A cultura e sua diversidade são valorizadas por Freire. O caráter precípuo da cultura é observado na implantação do método freireano de alfabetização, no qual ele propõe um levantamento do universo linguístico do aluno por meio de conversas informais entre educando e educador. Está evidente a preocupação de Freire em trazer para a sala de aula as especificidades do mundo do educando e promover um reconhecimento, e, por conseguinte, compreensão e interferência nesse mundo elegendo como agente de mudança o próprio educando.

À guisa de contextualização, convém ressaltar que a teoria de Paulo Freire visa contrapor o mecanismo da ditadura de abril de 1964. Vocábulos como democracia, liberdade, diálogo e conscientização são vetores para o debate e implantação da pedagogia de Freire. Sua obra é marcada pelos aspectos sociológicos centrados nas experiências populares do Brasil, em especial no Nordeste, antes do golpe de 1964. Influenciado pelo existencialismo cristão, movimento intelectual europeu do século XX, que considera a liberdade como parte integrante do ser humano, Freire direciona seu olhar a uma educação potencialmente conscientizadora. Para ele, a educação deve “ajudar a expulsar essa sombra da opressão através da conscientização”.

A percepção de liberdade em Paulo Freire abrange o âmbito da ação criadora, isto é, à medida que se amplia o conhecimento do contexto no qual o educando está inserido, este aumenta a eficácia de sua ação no que diz respeito à capacidade consciente de realizar intervenções na realidade. A característica intervencionista do educando na própria realidade confere às teorias de Paulo Freire a indissociabilidade entre educação e política. Portanto, a problematização da realidade através dos valores trazidos pelos educandos é um caminho para a formação de seres humanos enquanto pessoas, sendo elas dotadas de conscientização e liberdade. Weffort, em seu texto Educação e Política – Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade – prefaciando a obra de Freire, Educação como Prática da Liberdade, comenta a importância da liberdade na estruturação da metodologia freireana.

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios

essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (FREIRE, 1967, p. 4).

Em destaque no método de Freire encontra-se de forma dicotômica a preocupação entre a massificação e individualidade. Contrário à ideia de uma educação cuja finalidade se baseia no ajustamento da pessoa a sua situação social, Freire estabelece conexões entre o ato de aprender e o ato de transformar. A educação, na perspectiva freireana, precisa valorizar as individualidades, aprimorando o sujeito e sua forma particular de se relacionar com o mundo. Assim sendo, a educação daria uma resposta positiva ao desenvolvimento de um povo, de uma nação, em especial no caso do Brasil em plena ditadura de 1964. Paulo Freire aborda a questão da democracia como elementar no processo de apreensão da realidade e de conscientização. A escola passa a ser uma alternativa, denominada de “Círculos de Cultura” em que os papéis de professor e aluno sofrem mudanças substanciais no que tange à dinâmica binominal ensino-aprendizagem. Os caracteres passivo e depositário da escola tradicional são criticados por Freire ao mesmo tempo em que ele oferece alternativa que pode ser explorada em todos os níveis da educação. O mecanicismo então é substituído pela representação das coisas e dos fatos dentro do consenso empírico em que há a possibilidade de entrelaçar causas e circunstâncias de uma mesma realidade. O diálogo, definido como uma relação horizontal entre os participantes das práticas educativas, torna-se o pilar das técnicas de Paulo Freire. Em nota de rodapé, no livro *Educação com Prática da Liberdade*, ele nos esclarece:

De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1967, p. 102-103).

Em suma, o objetivo central da educação freireana é proporcionar ao homem meios de superação quanto à sua forma de estar e se encontrar no mundo. Em outras palavras, auxiliá-lo no reconhecimento, análise e modificação da realidade. E, para atingir tal objetivo, Freire delineia três caminhos: um método que explore e valorize o diálogo como fonte de estímulo ao processo crítico, que modifique o conteúdo programático da educação considerando as particularidades contextuais do educando e o uso de técnicas de codificação e redução, por exemplo. O homem inacabado é então a matéria-prima do processo educacional, um homem que se relaciona e que, exatamente por isso, se comunica e constrói

reapresentações por intermédio de si e do outro. Assim sendo, a pedagogia de Paulo Freire é a pedagogia da comunicação em que o diálogo entre educador e educando estabelece elo revigorante entre o ato de criar e transformar através do conhecimento. O debate acerca do homem não encerra as possibilidades das práticas educativas, ao contrário, retroalimenta a necessidade de contínuas pesquisas acerca do tema. Da mesma forma, a educação na perspectiva de Paulo Freire requer análise profunda e constante a fim de buscar aprimoramentos e novos caminhos que possibilitem ao educando qualidade crítica na sua relação com o meio.

## A VOZ DO OPRIMIDO

Contida na obra de Paulo Freire a ideia de indissociabilidade entre educação e política, a relação humana, como ele demonstra, ocorre por meio de dois extremos: opressor e oprimido. À medida que a teoria freireana se corporifica esses extremos são detalhados quanto a sua forma de atuação, abrangência e interesses. O homem, como um ser de relações consigo e com sua realidade, é ameaçado pelos arquétipos da desigualdade e do poder. O opressor é qualificado como aquele que impõe regras e determinações ao oprimido no intento de atingir seus interesses e organizar a manutenção do poder. Na contramão, o oprimido é aquele que, sob o jugo dos opressores, deve buscar a mudança e a transformação se posicionando como agente restaurador das relações humanizadas. E nessa relação bilateral e desigual, Paulo Freire argumenta que a educação libertadora é o único caminho plausível e viável para o reequilíbrio das relações. A opressão e a libertação tornam-se, como se pode observar, a base de uma pedagogia que visa expressar o sentimento de mudança social e política, bem como estimular a intensificação da interacionista homem-realidade.

Dentro da produção intelectual de Freire o marxismo notoriamente ganha espaço. Todavia é necessário ter cautela, pois a questão de comungar com alguns referenciais teóricos de Marx não significa a totalidade do marxismo implantado à educação. Conforme aponta Ivanilde Apoluceno em seu livro *Leituras Freireanas sobre a educação*, a relação entre Paulo e Freire e as teorias de Marx são da ordem da prática e não do discurso meramente intelectual. Respondendo a questionamentos da doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, Lígia Chiappini Moraes Leite, em entrevista realizada em 8 de dezembro de 1979, em Genebra, Paulo Freire esclarece quanto à proximidade de sua teoria educacional com os ideais de Marx.

(...) Em última análise, devo dizer que tanto minha posição cristã quanto a minha aproximação de Marx, ambas jamais se deram ao nível intelectualista, mas sempre referidas ao concreto. Não fui às classes oprimidas por causa de Marx. Fui a Marx por causa delas. O meu encontro com elas é que me fez encontrar Marx e não o contrário (OLIVEIRA, 2003, p. 33).

Como base desta relação, opressor *versus* oprimido, Paulo Freire assenta objetivamente que a pedagogia do oprimido é aquela em que está implícita a restauração dos

relacionamentos humanizados. Uma pedagogia que encare a opressão e suas implicabilidades como objeto de reflexão por parte do oprimido e que resulte em seu engajamento na luta a favor de uma libertação. Contudo problema central é apresentado na forma de resistência, isto é, como estruturar e implantar uma pedagogia do oprimido? O problema dos oprimidos é a hospedagem consciencial dos valores da dominação, da opressão. Tais valores estariam embutidos em todas as esferas do trabalho escolar, desde a elaboração do material didático à relação aluno-professor. A domesticação do homem se daria então com legitimidade pela instituição de ensino cujo escopo seria o de transferir os valores do opressor como sendo legítimos e pertinentes ao oprimido. Ou seja, o grande empecilho do oprimido é a introjeção dos valores opressores justificando sua posição de subjugado. A luta do oprimido é então personificada por dualidades marcantes e profundas que culminam na castração criadora e recriadora atinentes à transformação do mundo. E nesse contexto, a libertação se qualifica como um ato doloroso, mas que devolveria ao oprimido o direito a opções. Ressaltando a condição do oprimido e seu dilema, Paulo Freire afirma que:

Sofrem uma dualidade que se instala na “inferioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo (FREIRE, 1987, p.19).

De forma simplista, pode se afirmar que a voz do oprimido tem em Paulo Freire a oportunidade de se manifestar, de se corporificar e de se materializar a partir de sua autoevidência. Distante da perfectibilidade ilusória, a pedagogia freireana é capaz de ressignificar as veredas pelas quais o homem se faz sujeito de si e consciente de sua capacidade transformadora. Humanizar a educação é antes de tudo proporcionar ao educando instrumentos que fomente o aspecto reflexivo de si e de sua realidade, assim como reestabelecer o papel da escola e dos seus agentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em toda obra de Freire é possível observar seu caráter libertário e sua atenção ao ato de reverter o processo de alienação através de práticas educacionais que desmistifiquem a incapacidade do educando em apreender sua realidade e, conseqüentemente, atuar de forma ativa e consciente sobre ela. Caracteriza em pormenores a questão da consciência servil do oprimido, bem como o conceito de conscientização a partir de sua proximidade com teóricos de renome, como Marx, Hegel e Lukács. A trajetória de Freire é marcada pela denúncia da ambivalência e dicotomia que permeiam as questões políticas e educacionais de sua época ao

mesmo tempo em que expressa a dualidade sofrida pelo “oprimido” em termos de alienação e liberdade.

Neste artigo, cujo objetivo enquadrou-se na tentativa de explorar a educação de Paulo Freire como cerne o humano com suas características e relações com o mundo, é possível ter acesso ao âmago do pensamento freireano, apesar de não oferecer detalhes sobre sua obra. A educação de Freire é antes de tudo uma educação que prima pelas relações humanas e humanizadoras em que o principal objetivo é proporcionar ao homem o direito de se reposicionar perante a realidade na qual está inserido e circunda.

## REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. ed. São Paulo: EDUSP, 2015. 677 p.

FREIRE, Paulo. *Educação com prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 157 p.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 79 p.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Leituras freireanas sobre a educação*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. 120 p.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A História das Ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. 2. ed. João Pessoa: EDUFPB, 1999. 179 p.